

UMA TRADUÇÃO VISUAL E SONORA DA FEIRA DO VER-O-PESO: EM BELÉM DO PARÁ, A ESTÉTICA NA CULTURA DE BORDAS

Marlise Borges

Doutoranda em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP

marlise_b@yahoo.com.br

Cilene Nabiça

Mestranda em Artes, pela UFPA

cilenemututi@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho se reporta a alguns percursos construídos, onde os sujeitos se apropriam do espaço cotidiano, agregando valores e interferindo em sua totalidade e suas partes, criando estética ambiental, cultural e socialmente vinculada às várias interfaces da realidade. Nessa diversidade, o sujeito constrói seu trajeto imerso na relação cíclica que vai do local para o global e que o transforma de apreciador passivo em tradutor e co-autor das tantas simbologias heterogêneas que compõem seu contexto e intercontexto. Para uma compreensão desses processos expressivos, apresentamos o conceito de “Cultura de Bordas”, definido por Jerusa Pires Ferreira (1990), como a exclusão do centro, aquilo que fica numa faixa de transição entre uns e outros, entre as culturas tradicionais reconhecidas como folclore e aquelas que detêm maior atualização e prestígio; uma produção que se dirige a públicos populares de vários tipos, inclusive àqueles das periferias urbanas, as “bordas”, que, afinal, podem ser entendidas como expressões de grupos com identidades específicas, marcadas por práticas que vão desde a influência típica do folclore, até as supostas culturas mais elaboradas, dotadas de requinte e sofisticação. Apresentamos as culturas de bordas enquanto interferências espaciais, assentadas na feira do Ver-O-Peso, em Belém do Pará (a maior feira ao ar livre da América Latina), onde o trajeto estético cotidiano se manifesta através das expressividades compositivas existentes nas bancas de camelôs, frequentes nas áreas comerciais da cidade. Os produtos populares resistem diante das tecnologias, das novas tendências e *designs* arrojados. Perfilados, estão na trajetória cotidiana como interferências estéticas abertas a outras tantas interferências dos sujeitos envolvidos, personagens que criam e recriam as infindáveis paisagens estéticas. É certo que existem múltiplas identidades no espaço de expressão em que estes sujeitos intervêm, se apropriam e provocam. Há os que transgridem e agridem, os que revelam em infindáveis possibilidades as formas de linguagem e expressão que somente o ato humano é capaz de realizar com tamanho dinamismo. Rastrear o trajeto estético das intervenções das culturas de bordas refaz o ato do olhar, transforma conceitos e interpretações, recria sons e formas, pois adentra no movimento do imaginário coletivo, onde estão as falas, as identidades culturais e sociais. Através da fragmentação dos acontecimentos estéticos decodificados em sons e imagens, acompanhamos o processo rotineiro das manifestações, fruto do trabalho informal, da sobrevivência, da ilegalidade e do fugidío. O rastreamento estético absorveu o fenômeno revelado através da “decupagem” dos impulsos sonoros e visuais e re-significou a relação espacial entre sujeito e objeto, buscando a subjetividade presente na atmosfera híbrida que alimenta a dinâmica dos movimentos expressos em som e imagem.

Palavras-chave: Cultura de bordas; Ver-o-Peso; Paisagens estéticas.

Bordas. Revista do Centro de Estudos da Oralidade, n.1, p. 70-76, 2014.

ABSTRACT

This paper refers to some routes constructed in which the subjects appropriate the everyday space, adding values and interfering in their entirety and parts, creating to the various interfaces of reality aesthetically, environmentally, culturally and socially. In that diversity, the subject constructs its path emerged in a cyclical relationship that goes from local to global that transforms him from passive appreciator into translator and co-author of so many heterogeneous symbols that comprise his context and inner context. For an understanding of these meaningful processes we introduce the concept of "Culture of Borders", defined by Jerusa Pires Ferreira (1990) as the exclusion of the center, what lies in a transition zone between ones and the others, between the traditional cultures recognized as folklore and that of those who hold major upgrade and prestige. A production that addresses various types of popular audiences, including those in urban peripheries. The "borders" that ultimately can be understood as expressions of groups with specific identities, marked by practices ranging from the typical influence of folklore to the more elaborate alleged cultures, endowed with refinement and sophistication. We present the cultures of edges as spatial interferences, settled in Ver-O-Peso Fair, in Belém do Pará (the largest outdoor market in Latin America), where the everyday aesthetic path manifests itself through compositional expressions existing at vendors newsstands, common in commercial areas of the city. The popular products face technologies, emerging trends and bold designs. They are standing in line in everyday trajectory as an aesthetic interference open to so many others interferences of the other subjects involved, characters that create and recreate the endless aesthetic landscapes. Certainly there are multiple identities in the space of expression that these guys intervene, take ownership and cause. There are those who transgress and attack, the ones who reveal in endless possibilities the language and expression forms that only human action is able to perform with such dynamism. To trace the aesthetic path of interventions of borders cultures redoes the act of looking, changes concepts and interpretations, recreates sounds and forms, as it enters the movement of collective imagination, where the speeches, as well as the cultural and social identities are. Through the fragmentation of aesthetic events decoded into sounds and pictures, we follow the routine process of manifestations, the result of informal work, survival, lawlessness and fleeting. The aesthetic tracking absorbed the phenomenon revealed by the scenes cutting, audible and visual impulses and meant the spatial relationship between subject and object again, seeking the subjectivity present in the hybrid atmosphere that nurtures the dynamic of movements expressed in sound and image.

Keywords: Culture of Borders; Ver-O-Peso; Aesthetic Landscapes.

Introdução

Ao transitar através das esferas da realidade, pessoas traduzem e elaboram conhecimentos, indo e vindo, para que haja produção de novos conhecimentos, e assim concretizando-os, em processos vivos. Nesses processos diversos, onde as infinitas ocorrências se revelam, estão as representações sociais como as mais variadas formas de ideias, pensamentos, linguagens individuais e coletivas, expressadas enquanto matéria e energia e que ocorrem ao mesmo tempo no contexto da ação coletiva através da co-criação com o universo, provando que a realidade é essencialmente dotada de probabilidades, onde *Bordas*. Revista do Centro de Estudos da Oralidade, n.1, p. 70-76, 2014.

nada é estático. Nos percursos construídos, as pessoas em seus trajetos se apropriam do espaço cotidiano, agregando valores e interferindo em sua totalidade e suas partes, criando estética ambiental, cultural e socialmente ligada às várias interfaces da realidade. Nessa diversidade, o sujeito constrói seu trajeto imerso na relação cíclica que vai do local para o global e que o transforma de apreciador passivo em tradutor e co-autor das tantas simbologias heterogêneas que compõem seu contexto e intercontexto.

Para uma compreensão desses processos expressivos, trazemos à tona o conceito de Cultura de Bordas. Com “bordas”, Jerusa Pires Ferreira enfatiza a exclusão do centro:

Aquilo que fica numa faixa de transição entre uns e outros, entre as culturas tradicionais reconhecidas como folclore e a daqueles que detêm maior atualização e prestígio, uma produção que se dirige, por exemplo, a públicos populares de vários tipos, inclusive àqueles das periferias urbanas. (FERREIRA, 1990, p.173).

As bordas, aqui, podem ser entendidas como expressões de grupos com identidades específicas, marcadas por práticas que vão desde a influência típica do folclore, até às supostas culturas mais elaboradas, dotadas de requinte e sofisticação.

Estamos falando das culturas de bordas enquanto interferências espaciais, assentadas no centro de Belém, onde o trajeto estético cotidiano se manifesta através das expressividades compositivas existentes nas bancas de camelôs (vendedores ambulantes), frequentes nas áreas comerciais da cidade. Os produtos populares resistem diante das tecnologias, das novas tendências e *designs* arrojados. Perfilados, estão na trajetória cotidiana como interferências estéticas abertas a outras tantas interferências dos sujeitos envolvidos, personagens que criam e recriam as infindáveis paisagens estéticas.

É certo que existem múltiplas identidades no espaço de expressão nos quais estes sujeitos intervêm, se apropriam e provocam. Há os que transgridem e agridem e há os que revelam, em infindáveis possibilidades, as formas de linguagem e expressão, que somente o ato humano é capaz de realizar com tamanho dinamismo. Rastrear o trajeto estético das intervenções das culturas de bordas do “Ver-o-Peso, refaz o ato do olhar, transforma conceitos e interpretações, recria sons e formas, pois adentra no movimento do imaginário coletivo, onde estão as falas e as identidades culturais e sociais”. (TOCANTINS, 1987, p. 321)

Conhecendo o Ver-O-Peso

A origem do nome aconteceu no século XVII, quando do início da cobrança de impostos que incidiam sobre gêneros chegados à capital paraense. Os tributos, pagos na base

do peso, destinavam-se à Coroa Real, e, depois, à Câmara de Belém. Para isso, havia de funcionar uma balança: ver o peso, ou conhecer o “ver o peso”.

Paisagem cromática, banhada continuamente de sol, sem mangueiras para abrandar a fartura de luz: sol que ali se espoja num à vontade escandaloso. Paisagem crua, às vezes cheirando a bicho podre (mas só um instante porque o urubu é um *bon gourmand*), de onde escorre o suor da experiência de uma comunidade que vive a poesia rústica do cotidiano. O paraense acrescentou ao Ver-O-Peso um vigor de formas e de valores intensamente regionais, marcados pelo frêmito da vida e o dinamismo do barroco. (TOCANTINS 1987, p. 328).

O que importa mesmo é que o “Ver-O-Peso” (e seu ambiente existencialista) transpira as cores da terra e da cultura paraense. É o lugar onde se encontra a grande inter-relação de elementos mestiços, revelando identidades e potencialidades. Sem querer, este espaço acabou transformando-se em uma cultura organizacional, capaz de provocar intervenções urbanas junto à realidade.

Na feira do Ver-O-Peso (a maior feira ao ar livre da América Latina), encontra-se a totalidade de qualquer periferia. Vemos isso na venda de produtos que estão inseridos numa “cultura de bordas” e que ainda resistem no mercado informal. Entre os produtos, ainda é possível encontrar coisas bizarras como a lamparina, a ratoeira, o ralo de coco, o pente, o espelho, além do feijão no “saco de sarrapilheira” e das barracas de ervas, artesanatos, artigos de Umbanda e diversos outros produtos vindos de pequenas cidades do interior do Pará.

O “Ver-O-Peso” marca a cidade de Belém no espaço e no tempo. Pode-se dizer, sem medo de parecer arrogante, que é uma paisagem única, cartão postal que reúne homens, barcos, vigilengas, canoas, montarias, velas, mastros, frutas, objetos de barro, água suja e oleosa, urubus e lama da maré baixa.

Quando amanhece o dia é para lá – para a feira original do “Ver-O-Peso” – que se desloca uma pequena multidão, a fim de adquirir coisas como: bilhas, alguidares, esculturas populares, papagaios, periquitos, paneiros de caranguejos, peixes e camarões enormes, farinha d’água e até mesmo jiboias mansas para “pegar rato em forro de casa velha”. Produtos que são oferecidos pelas centenas de vendedores ambulantes que por ali trafegam. Quanto aos turistas, há os que afirmam: “a feira do Ver-O-Peso é um dos lugares mais impressionantes do mundo”.

Criando espaços de bordas

Mercadorias de toda natureza, desde as ervas de pajelança e os amuletos, como os bichos e plantas exóticas da Amazônia e ainda todo tipo de “preparo” que entra nesta alquimia

cabocla, “tão cheirosa e agradável”, podem ser encontradas nas diversas tendas de camelôs que, naturalmente, acabam por configurar-se como intervenções urbanas, pois é a forma como os camelôs se apropriam do espaço e o tipo de produto que vendem que criam uma estética visual e sonora em seu cotidiano. Uma estética, portanto, da “Cultura de Bordas”. E como não se pode pensar na cultura fora dos ambientes culturais é que elegemos o “Ver-O-Peso” como uma paisagem cultural de Belém. Um lugar que revela todo um imaginário de comunidades que não fazem parte de grupos hegemônicos de poder, mas que se expressam de modo peculiar.

É a cultura que está nas bordas, ambientada nos espaços periféricos que, por sua vez, não estão em estado permanente e sim em constante transformação. Na cultura de bordas está presente todo tipo de produção cultural, assim como os diferentes modos de ser de diversos grupos humanos. Segundo Jerusa Pires Ferreira, “operando nos limites dos universos culturais contíguos, porém distintos, na corda-bamba para atender aos apelos desta produção popular, que se faz em resposta direta a um tipo de público”. (FERREIRA, 1990, p. 173).

Os vendedores ambulantes (os camelôs) do “Ver-O-Peso”, nem é preciso dizer, são como uma “espinha de peixe” na garganta dos comerciantes formais, uma vez que atrapalham a fluência e o trânsito dos passantes. Quem quiser ir à feira, tem que se submeter à dinâmica do movimento que estabelecem.

Contudo, é esta organização espacial e esta dinâmica de movimentos, assim como os códigos visuais e sonoros para vender os produtos, que fazem deles criadores de uma intervenção urbana e uma estética da cultura de bordas. Estes sujeitos, mesmo sem se dar conta, produzem e constroem processos criativos. Vemos então a entrada da arte, enquanto elemento capaz de gerar grande espaço de criação e expressão. E tudo a partir das experiências diretas entre os sujeitos e seus cotidianos, dentro de espaços de diversidade.

Intervenção urbana

É preciso que se reafirme a importância das intervenções urbanas para o livre crescimento das artes, uma vez que se transformam em instrumentos críticos e investigativos para a elaboração de valores e identidades das sociedades. Segundo artistas das artes visuais, a linguagem da intervenção urbana precipita-se em um espaço ampliado de reflexão para o pensamento contemporâneo, pois aparece como uma alternativa dos circuitos oficiais, capaz de proporcionar o acesso direto e de promover um corpo-a-corpo da obra de arte com o

público, independente de mercados consumidores ou de “complexas e burocratizantes” instituições culturais.

Será que os camelôs do “Ver-O-Peso” realizam, então, o que podemos chamar de “arte pública”, através de sua expressividade autenticamente popular? Sim, pois, traduzindo o cotidiano em seu caráter físico e humano, acabam adentrando na subjetividade do que há de concreto e do que se abstrai enquanto fenômeno.

Há, de certo, uma grande diferença na paisagem urbana de Belém (na área comercial do “Ver-O-Peso”) quando se trafega à noite. Neste momento, o espaço fica vazio, sem movimento, sem cor, sem plasticidade, sem cheiro, sem som e sem ritmo. Pela manhã, porém, o barulho externo das propagandas, as buzinas de carro, a música que toca nos alto-falantes dos postes de rua, as vozes das pessoas e as vozes dos vendedores ambulantes, com suas estratégias de venda, marcam os códigos sonoros do ambiente. A maneira como arrumam os peixes, as bijuterias, o artesanato, as coisas de feitiçaria (esqueletos de gavião para afastar quebranto, olho de boto para segurar amor), banhos e defumações e uma infinidade de artigos corriqueiros, compõem os códigos visuais. Um trabalho, portanto, de arte pública – estética e intervenção urbana – que acontece ao raiar do dia para desfazer-se ao cair da noite.

Vídeo-arte: as bordas do “Ver-O-Peso”

Como experiência complementar deste trabalho, realizamos um audiovisual em Belém do Pará, Amazônia, Brasil, em janeiro de 2007, que começou com uma pesquisa acadêmica, realizada por nós. Trata-se de um vídeo arte, cujo objetivo era rastrear os códigos visuais e sonoros do “Ver-O-Peso”, assim como identificar a existência de possíveis processos criativos, produzidos pelos camelôs (vendedores ambulantes), sujeitos que representam os diversos modos de ser, da cultura e do povo amazônico.

Através da fragmentação dos acontecimentos estéticos, decodificados em sons e imagens, acompanhamos o processo rotineiro das manifestações, fruto do trabalho informal, da sobrevivência, da ilegalidade e do fugidio. O rastreamento estético absorveu o fenômeno revelado através da “decupagem” dos impulsos sonoros e visuais e re-significou a relação espacial entre sujeito e objeto, buscando a subjetividade presente na atmosfera híbrida que alimenta a dinâmica dos movimentos expressos em som e imagem.

Entre os vários produtos (de todos os tipos, tamanhos, cores e utilidades) com seus elementos estruturais, compositivos e construtivos, presentes no processo criativo-expressivo dos vendedores ambulantes da feira do “Ver-O-Peso”, capturamos e registramos coisas como: *Bordas*. Revista do Centro de Estudos da Oralidade, n.1, p. 70-76, 2014.

objetos em palha, corda e miriti, pratos em cerâmica marajoara, cerâmica em argila, esteiras, potes de barro, cuias decoradas, banhos de cheiro e defumação e uma infinidade de produtos diversos. Registraram-se, ainda, flagrantes de atividades cotidianas na feira, como: vendedoras descascando a macaxeira, quebrando a castanha do Pará e moendo a folha da “maniva”, usada no preparo da “maniçoba”, prato típico de Belém do Pará. Como exemplo de “intervenção urbana”, registrou-se também uma pintura de rua (um painel), que retrata o carnaval paraense, tendo a feira do “Ver-O-Peso” ao fundo.

Para compor a trilha sonora do vídeo-arte, foram escolhidas duas canções que traduzem a cultura popular da região amazônica, de autoria do compositor e músico paraense Walter Freitas: Merenguêra e Pixaim, com interpretação primorosa do grupo “Cálamo, de Música Antiga”, da escola de música da Universidade Federal do Pará - EMUFPA. Também foram capturados, decodificados e editados os sons naturais que compõem o ambiente, a paisagem sonora do lugar.

Referências

FERREIRA, Jerusa Pires. Heterônimos e cultura das bordas: Rubens Luchetti. **Revista USP**. São Paulo: EDUSP, 1990. (Número 4, p. 169-174).

TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará**. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda., 1987.